

@leandritoducorte: espaço da barbearia na construção da autoestima e subjetividade de jovens negros e periféricos¹

Laísa Fernanda Alves da Silva (PPGAS/UnB)

Palavras-chave: juventude, cabelo, raça.

Disfarçado, europeu
Corte do Jaca americano
Will Smith, Asa Delta
O Blackinho e o moicano
Tem navalhado, platinado
Tem quadrado e degradê
Faz um tribal, faz um desenho
Que que as novinha' vão dizer?

Trecho de “Deixa na régua”, música de Lucas Santtana (2018)

É em uma das salas do primeiro andar do prédio de uma escola pública da periferia do Distrito Federal, que Davi, 17 anos, estudante do primeiro ano do ensino médio, me perguntou: “qual creme você usa para finalizar o cabelo?”. Sua curiosidade despertou em mim uma série de sentimentos conflitantes em relação ao meu retorno a essa escola, dado minhas vivências atravessadas pelo racismo enquanto aluna da mesma instituição de ensino entre 2010 e 2015, como estagiária de uma disciplina de prática docente. Em contraste com o cabelo alisado ou o coque preso no topo da cabeça de quase todas as meninas negras e o cabelo raspado da maioria dos meninos negros de minha época, observo como parte significativa dos/das estudantes negros/negras presentes na sala usam seus cabelos: *dedolis*², *corte americano*, *waves*, *box braid*³ e *black power*⁴.

Nilma Lino Gomes (2003) afirma que as mudanças da percepção sobre o negro no espaço escolar não é mérito da escola em si exclusivamente, ao ressaltar o papel dos movimentos negros unificados para inserção positiva do corpo negro nos espaços e especialmente na mídia. A autora

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024) no grupo de trabalho 004.

² Todas as palavras em itálico são categorias êmicas. Dedolis é uma técnica de finalização do cabelo, onde o dedo é utilizado em mechas finas de toda a extensão do cabelo para criar curvas bem definidas.

³ Técnica de trançar o cabelo em “caixa” com cabelo sintético, popularmente conhecido como jumbo.

⁴ Traduzido para “poder negro” é um slogan político e também referência a forma de usar o cabelo crespo ou cacheado com bastante volume.

coloca também que a mudança é lenta e tensa, diante da permanência do racismo e da discriminação racial (GONZALEZ, 2020). Por isso, o objetivo do presente ensaio é dissertar sobre alguns aspectos que tocam na desconstrução de estereótipos raciais e construção da autoestima de jovens negros em espaços de barbearias localizadas nas periféricas do Distrito Federal.

Pensar juventude de forma interseccional

A juventude tarda a ser compreendida enquanto uma categoria social. Historicamente, há um maior destaque em questões que envolvem fases da vida, como os ritos de passagem, o que demonstra a compreensão da juventude enquanto uma etapa liminar - quando não se é criança tampouco adulto (ARIÉS, 1981). Há um destaque para Margaret Mead (1961) que direciona um olhar diferente para pensar os processos formadores da condição da infância e juventude samoana, em especial, ao ver na educação o melhor caminho para se estudar a dinâmica da cultura e os processos de constituição das identidades culturais e de gênero.

No Brasil, a ausência de produções sobre a juventude está associada a alguns fatores, como ao próprio conceito de juventude ser um constructo ocidental, dado que as primeiras etnografias abordam sociedades que não necessariamente organizam suas vivências a partir de “fases da vida”. Ao mesmo tempo, está presente também a dificuldade de atentar para questões centrais das sociedades urbanas-ocidentais do norte e sul global, mesmo diante de mudanças no campo desde a primeira metade do século XX (BITTENCOURT & PEREIRA, 2022).

A noção de juventude é tratada como categoria analítica pela primeira vez no Brasil pela socióloga Marialice Foracchi (1972), destacando o papel do estudante e dialogando com estudos sobre a categoria que eram produzidos em outros países nas décadas de 1960 e 1970. No entanto, embora a produção avance durante as décadas citadas, a ditadura proíbe análises sobre ações do movimento estudantil. Posteriormente, junto a redemocratização, o processo de “massificação” promovido pela indústria cultural acompanha o retorno das pesquisas sobre as “culturas juvenis”. Assim, surgem os primeiros trabalhos sobre punks, funkeiros e hip hoppers. Na década de 1990, há uma proliferação de pesquisas destacando a sociabilidade e o lazer como elementos decisivos no processo de produção das identidades juvenis, com destaque para como a organização dos grupos impactam no processo de socialização da juventude.

Com isso, analisar a complexidade das experiências das juventudes contemporâneas brasileiras requer atenção para discussões sobre marcadores sociais da diferença de maneira interseccional (COLLINS; BILGE, 2021), por ser um fenômeno que ainda é pouco estudado pela antropologia brasileira (BITTENCOURT&PEREIRA, 2021).

Bigodin finin, cabelin na régua por Leandritoducorte

André Gustavo, interlocutor chave, é um jovem negro, umbandista, de 17 anos, cisgênero, bissexual e estudante da mesma instituição de ensino anteriormente referenciada. Mora no Núcleo Bandeirante, região administrativa do Distrito Federal, com a mãe, o tio e o primo maternos. Em nossa primeira conversa, afirmou que seu cabelo é a parte mais significativa da sua identidade e sua “motivação para enfrentar o dia”. Recebi alguns áudios e fotos via WhatsApp que descreviam e ilustraram tipos de cortes e penteados usados nos últimos anos, que variam entre o *corte militar*⁵, *black power*, *nudred*⁶ e *box braids*. Atualmente, usa o *corte americano*, caracterizado pelas laterais raspadas em degradê e o cabelo mais curto, “baixinho” no topo da cabeça, que pode também acompanhar desenhos navalhados. Além disso, também é adepto das *waves*, uma técnica de finalização do cabelo baseada em modular o cabelo com gel e uma escova de cerdas mais duras, com o objetivo de criar camadas de ondas pela cabeça.

Inicialmente, André Gustavo afirmou não usar mais o cabelo grande por ter enjoado “dos cachos em mim, dá muito trabalho e tô em busca de praticidade”, resposta que posteriormente também acompanhou a justificativa de usar o cabelo “baixinho” por não ter “peito” para lidar com os comentários negativos. Afirmou também que embora receba muito apoio da sua família para ser do jeito que quiser, as pessoas costumam “não ter filtro para comentar sobre o corpo alheio”, sendo “bem maldosas”. Também para evitar críticas negativas e “picuinhas” com a mãe, não costuma descolorir o cabelo.

Nilma Lino (2003) destaca o corpo enquanto suporte da construção da identidade negra, corpo que é construído de forma coletiva, nos espaços familiares, nos círculos de amizade, nos salões afros, nos relacionamentos amorosos, no movimento organizado e também no ambiente escolar. Ou seja, o processo de formação da identidade negra é construído de forma gradativa e acompanhada de um desafio: construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que historicamente ensina aos corpos negros que a aceitação acompanha a negação de si (SOUZA, 2021).

⁵ Um tipo de corte de cabelo no qual o cabelo vertical no topo da cabeça é cortado relativamente curto.

⁶ Técnica de finalização para criar efeito de dread sem efeito permanente.

Figura 1 - Exemplos de cortes americanos.



Fonte: Acervo pessoal de Leandro.

E é justamente André Gustavo que me apresenta @leandritoducorte⁷, responsável pelo seu *corte americano*. Em contraposição as práticas sistemáticas de antinegitude, a barbearia - e a navalha - de Leandro representa um espaço em que a dignidade e a autoestima de jovens negros e periféricos podem ser construídas de forma positiva. A referência do *corte americano* está presente na canção de mesmo nome dos rappers cariocas Filipe Ret e L7NNON (2021). O barbeiro comentou que o Rio de Janeiro “lança tendência”, tendência essa que chega em formato de foto no celular na mão do cliente para ser utilizada como referência. O funk, ritmo musical de expressão da diáspora africana, é um dos elementos principais da cultura urbana do Rio de Janeiro. O *corte do jaca*, que remete um estilo de corte de cabelo oriundo do Jacarezinho, favela da Zona Norte, referência a música de mesmo nome do rapper carioca TZ da Coronel (2021) e exemplifica como a partir do funk a “juventude negra e favelada reinventa-se criativamente com os escassos recursos disponíveis, subvertendo, muitas vezes, as representações que insistem em situá-la como baixa e perigosa” (LOPES&FACINA, 2010, p. 02).

Leandro, 21 anos, conhecido como Leandritoducorte, é um jovem negro, também morador

⁷ User no Instagram, rede social utilizada para divulgação do trabalho: <https://www.instagram.com/leandritoducorte/>.

do Núcleo Bandeirante, região que está a cerca de 60 minutos de ônibus (17,5 km) do Plano Piloto, zona central de Brasília. Ele me recebeu com um abraço e um beijo na bochecha. Usava bermuda clara com rasgos e desfiados na barra, blusa preta com desenho de um smurfs⁸, tênis da marca Mizuno, duas correntes grossas de prata no pescoço do lado de fora da camisa e uma pulseira também de prata no braço direito. Os dedos das mãos estavam manchados de preto por causa do pigmento utilizado nos cabelos. O sotaque, frequentemente confundido como carioca, entrega sua origem: Belém, mais especificamente do Bairro de Pedreira, uma região periférica com cerca de 70 mil habitantes. Filho de empregada doméstica, migrou com a mãe para o Distrito Federal em dezembro de 2018, morando por um período de favor em uma casa que a mesma trabalha como cuidadora. Divide o espaço da barbearia “Estilo e Marra”, também localizado no Bandeirante, com Lucas, barbeiro de 19 anos.

Leandro partilhou comigo um pouco da sua jornada, descrita como *correria*⁹. Antes do curso de barbeiro, ofício ao qual se dedica desde o ano passado, o jovem vendia cremosinho¹⁰ na escola para ajudar a mãe e posteriormente, com o fechamento das escolas em decorrência da pandemia de Covid-19, seguiu ajudando a mãe entregando marmita de bicicleta ou a pé pela cidade durante a hora do almoço. E é justamente a mãe que investe no curso de barbeiro profissional com o Elmisson Passos. Investir no curso, além de confiar no filho, é também investir no projeto que é partilhado por muitos outros jovens pretos e periféricos filhos de mães-solos: contribuir financeiramente com a casa.

No início, Leandro cortava os cabelos na casa do cliente ou em espaços próximos e públicos. A barbearia funciona de segunda-feira a sexta-feira, sem marcação de horário, das 10h às 19h30 e às vezes até às 23h, dependendo do fluxo, que é mantido de forma orgânica de boca a boca e por indicação. Um bom final de semana é sinônimo de 20 clientes atendidos. O espaço está sob responsabilidade de Elmisson, designer de corte que oferece profissionalização para quem tem interesse em aprender e entrar para o nicho da barbearia. Leandro fala com muito carinho e admiração pelo tutor Elmisson, que hoje por trabalhar e morar em Goiânia, confia o ponto na mão de Lucas e Leandro, embora sejam os jovens que arcam com 100% dos custos de manutenção do lugar.

A sala comercial é alugada e bem pequena, logo na entrada do Edifício Residencial Pablo Picasso. O primeiro andar é dedicado para comércios e os andares superiores são alugueis residenciais. Paredes pintadas de cinza, duas portas ao fundo, uma não estava aberta e pela fresta da

⁸ Os Smurfs são criaturas pequenas e azuis, personagens fictícios criados por Peyo.

⁹ Modo como jovens de periferia definem a rotina atravessada por várias responsabilidades, especialmente de estudo e trabalho.

¹⁰ O cremosinho é uma espécie de sorvete de iogurte integral pasteurizado, também conhecido em outras regiões do Brasil como chup.

outra visualizo um banheiro. Atrás da porta de entrada algumas capas de corte com ilustrações de personagens do Chaves¹¹ e penduradas pelas pela parede algumas bandeiras do Brasil, por causa da Copa do Mundo de 2022. Um pequeno quadro pintado à mão que ilustra o Snoop Dogg¹² está apoiado em uma das paredes. No meio da sala, duas poltronas pretas específicas para uso em salão e/ou barbearia, espelhos e bancadas na frente de cada cadeira, três puffs também pretos disponíveis para uso dos que esperam atendimento e/ou acompanhantes.

Há também uma TV desligada pendurada na parede. Um espelho quadrado de tamanho médio encostado em pé no chão, usado para mostrar a parte de trás do corte para o cliente. E em um dos puffs, uma caixinha de som que está ligada e permanece ligada de forma ininterrupta. Segundo Leandro, “sempre tem um som”, seja reggae, funk, sertanejo e algumas variações do rap, como drill e trap. O teor das letras das músicas escutadas oscila quando há crianças pequenas no salão, especialmente se acompanhadas de pais/mães. Em cima das bancadas e dentro das gavetas - uma em cada bancada - estão dispostos pentes de máquina, pentes de cabelo, prendedores, secadores de cabelo, borrifadores com água, alguns espanadores, pincel de barbear, alguns outros produtos para cabelo dispostos em uma prateleira pequena parafusada na parede, como creme, pigmento preto, tintas de cabelo e dois dos itens mais usados: máquinas de cortar cabelo - elétricas e não elétricas - além de navalhas.

A frequência do corte é variada, tem quem corte de 15 em 15 dias ou todo sábado, o importante é *andar na régua*¹³. O cabelo na régua é uma referência estética do jovem que é *chave*¹⁴, ou mais recentemente, um *mandrake*¹⁵. O estilo chavoso, segundo Claudiane Aparecida Guedes (2022) representa o “símbolo do funk nas periferias e tem origem na expressão “chave de cadeia”, usada para se referir a uma pessoa propensa a causar problemas, que se envolve com más companhias” (p. 66). No entanto, o termo é utilizado de forma positiva pelos jovens periféricos como um sinônimo de pessoa estilosa. O termo é popularizado a partir dos anos 2000 e acompanha o sucesso da música “Ui! Chavoso, Meia na Canela” (2013), do MC Naldinho.

Para além do *corte americano*, estilo mais pedido segundo Leandro, os desenhos também são igualmente procurados, feitos no *freestyle*¹⁶, onde há mais espaço de criação para o barbeiro ou

¹¹ Seriado de televisão mexicano criado por Roberto Gómez Bolaños, transmitido por muitos anos no Brasil no SBT.

¹² Calvin Cordozar Broadus Junior, conhecido popularmente como Snoop Dogg, é rapper e produtor musical norte-americano.

¹³ Estar com o cabelo bem cortado.

¹⁴ Definição de um estilo característico das favelas e periferias.

¹⁵ Sinônimo de chavoso.

¹⁶ Freestyle é compreendido como a forma de fazer desenhos a mão livre com a navalha, sem uso de qualquer molde.

artes mais padronizadas, como o *coração*¹⁷. A tabela de valores da barbearia oscila entre R\$ 25,00 para um corte até R\$ 100,00 para uma descoloração. Leandro também opina que a listra na sobrancelha - que pode ou não acompanhar o corte - está cada vez menos estigmatizada como “de bandido”, ainda divide opiniões, principalmente das mães dos adolescentes.

Algumas considerações finais

Em resumo, a barbearia está pensada enquanto um espaço de construção da autoestima entre jovens negros, produção de masculinidades, afetividades, oferta de trabalho e especialmente como espaço voltado para a construção de imagens; tanto de quem senta na cadeira, quanto do barbeiro que expressa seu talento fazendo a cabeça do cliente. É também um espaço de revalorização do corpo negro a partir do cabelo, dado a importância do mesmo na forma como o corpo negro é visto e se vê. O *cabelin na régua* é utilizado como um veículo de comunicação do corpo negro que quer usar o kit sem ser estigmatizado, sem sofrer enquadro na polícia na rua. Por isso, para além da sub-representação, apagamento, esteriotipação, estou fortemente mobilizada em pensar na possibilidade de construção positiva da identidade de jovens negros que estão vivos e construir uma narrativa, em diálogo com Emicida, que não resuma a população negra exclusivamente a sobrevivência.

¹⁷ Desenho feito com a navalha em formato de coração, há uma busca maior pelo coração partido. Na maioria das vezes é feito na lateral da cabeça ou próximo da nuca ou testa.

Referências bibliográficas

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BITTENCOURT, João Batista; PEREIRA, Alexandre Barbosa. Juventude e Antropologia: uma relação controversa. In: Revista Mundaú, número 10, 2021. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/13018>>.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DOMINGOS, Emílio. 2016. Deixa na régua. Rio de Janeiro, Brasil, Osmose Filmes, cor, 73', documentário.

FARIA, Debora Costa de. 2020. “Deixa Na régua: Estética E Sociabilidade Em Barbearias Do Rio De Janeiro: Resenha”. GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia 5 (1). São Paulo, Brasil.

FORACCHI, Marialice. A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira, 1972.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa [online]. 2003, v. 29, n. 1 [Acessado 28 Novembro 2022], pp. 167-182. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012>>.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n. 21 [Acessado 28 Novembro 2022],pp. 40-51. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000300004>>.

GUEDES, Claudiane Aparecida. Só kit chave: um estudo sobre moda e estética funk das quebradas paulistanas. Guarulhos, 2022. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em História da Arte). Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2022. Disponível em <<https://repositorio.unifesp.br/xmlui/handle/11600/65152?show=full>>.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In: Por um feminismo afrolatino-americano: ensaios, intervenções e diálogos, Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 75-93.

LOPES, Adriana Carvalho; Facina, Adriana. Cidade do funk: expressões da diáspora negra nas favelas cariocas. VI Encontro de Estudos multidisciplinares em cultura, Salvador, 2010.

MEAD, Margaret. Adolescencia y cultura en Samoa. 2. ed. Buenos Aires: Paidós, 1961. 194 p. (Biblioteca de psicología social y sociología; 2c).

NOVAES, Regina Notas sobre a invenção social de um singular sujeito de direitos. Juventude, juventudes Revista de Ciencias Sociales, núm. 25, diciembre, 2009, pp. 10-20 Universidad de la República Montevideo, Uruguay.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.